

# Uma escola em cada radinho de pilha

*Escola Brasil é uma das maiores audiências da Rádio Nacional AM. Ensina de português a geografia para ouvintes de todo país*

Lisandra Paraguassú  
Da equipe do **Correio**

**E**dna Lima Oliveira voltou a estudar depois de 11 anos. Tem 24 e está fazendo a 5ª série do 1º grau. Seu maior sonho no momento é ter um dicionário. Artigo de luxo na zona rural de Rurópolis, Pará. Edna não foi pedir o livro em uma biblioteca, na escola ou na prefeitura. Escreveu uma carta para o programa de rádio *Escola Brasil*.

Há oito meses no ar, o *Escola Brasil* se tornou uma das maiores audiências da Rádio Nacional AM (980 Mhz) e da Nacional Ondas Curtas, do Sistema Radiobrás (Empresa Brasileira de Comunicação S.A.), pelas quais é transmitido. Pessoas de lugares tão distantes quanto São Felipe do Oeste, a 500km de Porto Velho, capital de Rondônia, ligam o rádio às 6h15 para acompanhar os 25 minutos que tratam de história, geografia, português, trabalho infantil e qualquer forma de educação que possa ser transmitida pelo rádio.

As pessoas ouvem e escrevem. O programa chega a receber três mil cartas por mês. Muitas para participar das promoções feitas — sorteios de rádios, bolas de futebol. Mas um grande número para fazer pedidos, perguntas, buscar ajuda para resolver problemas da comunidade. “Nós viramos um contato, um lugar para desabafar que esse povo tem”, diz Airton Medeiros, produtor e idealizador do *Escola Brasil*.

Em lugares no interior do Brasil, onde às vezes nem o telefone chegou, o rádio é a maior companhia e a única ligação com o mundo lá fora. O *Escola Brasil* foi planejado para levar informação justamente a esses pontos do mapa quase desconhecidos. “Uma vez andando pelo interior do Mato Grosso eu notei como as pessoas tinham pouco conhecimento do que acontecia fora da cidade”, explica Medeiros. “Quisemos dar um jeito de chegar nessa gente.”

A fórmula é simples, apesar de trabalhosa. O programa tem, todos os dias, algum tipo de lição, em qualquer matéria. Pode ser a história de uma região brasileira, hidrografia, aula de português. Tudo falado em linguagem bastante clara. “Se aparece uma palavra complicada no roteiro, logo cortamos”,

explica Paulo José Cunha, editor do programa.

A maior qualidade do programa é justamente traduzir coisas complicadas para a linguagem do interior. Um dos trunfos do *Escola Brasil* é o locutor Luiz Alberto, que faz um caipira em um programa da mesma Rádio Nacional chamado *Eu de Cá e Você de Lá*.

O matuto é responsável por explicar questões difíceis, como o funcionamento do Fundo de Valorização do Ensino Fundamental (Fundef), criado pelo governo federal para redistribuir as verbas destinadas de acordo com o número de alunos. Ou mesmo dar aulas de português — falando errado. “Ninguém concordou comigo quando eu quis colocar o Luiz Alberto dando aula de português, mas dá certo”, diz Medeiros. “Dá certo porque as pessoas compreendem.”

O *Escola Brasil* virou também um canal de denúncias, pedidos e uma maneira de divulgar boas iniciativas que estão sendo feitas na educação em vários lugares do país. “As cartas muitas vezes nos pautam”, conta Cunha.

Em uma delas, uma professora de uma pequena cidade à beira do rio Amazonas havia montado uma escola para 20 alunos nos fundos da sua casa, uma palafita. Com o peso extra, a casa desabou, porque a madeira que a sustentava estava podre. A história foi contada pelo programa e a professora ganhou uma escola nova da Secretaria de Educação do estado. Há pouco tempo, ela escreveu ao programa mais uma vez para contar que o colégio tinha sido reconhecido pelo Ministério da Educação.

Mas nem sempre as histórias que chegam em papéis bordados e enfeitados com flores, desenhos e purpurina contam histórias com final feliz. Carmosina Cruz de Sousa, de Riachão (MA), tem seis filhos. Três deles, os mais velhos, estão estudando. Caminham 10km para chegar à escola. Não têm merenda nem livros. No início do ano receberam um caderno e um lápis, que tem que durar o ano todo.

Carmosina não escreveu ao *Escola Brasil* para pedir livro ou material. Queria saber quais os direitos de seus filhos como alunos. Se eles tinham direito de ter livros e merenda, se o professor podia fazer com que as crianças tomassem

Nehil Hamilton



Carlos Eduardo, Luiz Alberto e Sandra além de ensinar pelas ondas do rádio, realizam desejos. Um menino do Mato Grosso pediu uma camiseta do Flamengo

água só no recreio. “O aluno deve ser respeitado no colégio? Informe por favor. Eu queria saber do Estatuto da Criança e do Adolescente”, escreveu.

Um dos pedidos mais comuns, principalmente em cartas que vêm da zona rural, é o transporte. Renata Pereira Carvalho, 15 anos, está na 5ª série de uma escola rural de Aripuanã, no Mato Grosso. Sai de casa às 10h e volta às 21h para frequentar as aulas.

“Vamos a pé ou num burro, que quando chega nas serras dá vontade de carregar o burro nas costas de tanto que é lento. Eu gosto muito de estudar, mas já estou desanimando. Já adoeci e fiquei três dias inteiros de cama de tanto tomar sol.”

## SEM RESPOSTA

Pedidos como esses são, normalmente, repassados ao Ministério da Educação. Outros — como livros, camisetas, cadernos, lápis — ficam, na maior parte das vezes, sem resposta. Como o dicionário pedido por Edna Oliveira. “Fazer o programa é muito bom, mas às vezes também é de cortar o coração. Nós não temos como responder a todo

mundo, infelizmente”, conta Kadu.

Em alguns casos as cartas tocam mais fundo. “Já teve gente chorando aqui ao ler”, afirma Paulo Cunha. Kadu foi um dos que não resistiu ao apelo de uma em especial. Um menino do Mato Grosso, chamado John Lennon, tinha como maior sonho ter uma chuteira e uma camiseta do Flamengo. Kadu vai comprar o presente.

Em todos os programas os locutores mandam abraços e lembranças para alguns ouvintes que escreveram. E avisam: eles recebem todas as cartas, mas não podem falar de todo mundo. “Infelizmente, não temos recursos nem mesmo para responder pedidos simples”, conta Medeiros.

E dinheiro anda curto. O programa é feito por uma produtora independente comandada por Medeiros e patrocinado pelo Ministério da Educação. Mas não por muito tempo. O MEC alega que ter mais dinheiro para bancar o projeto. A Agência Nacional dos Direitos da Infância (Andi) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), que apóiam a iniciativa, por enquanto dão apenas material.